

A moda contra a tirania: elucubrações dos costumbristas argentinos do XIX

Fashion against tyranny: lucubration of 19th century Argentinian costumbrists

Rafael Mantovani

Rafael Mantovani é doutorando (2011) em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre (2009) pela PUC/SP em Ciências Sociais, com concentração na área de Antropologia, tendo obtido bolsa do CNPq à época e sido convidado como pesquisador do Instituto Gino Germani do programa de pós-graduação da Universidad de Buenos Aires, Brasil.
E-mail: mantovani@usp.br

resumen

O modo de se vestir é um aspecto absolutamente desimportante hoje nas análises de ciência política. Não foi sempre assim. Os estudos sobre a sociedade já se debruçaram sobre questões que hoje são ignoradas ou, mesmo, tidas como preconceituosas. Por exemplo, a frenologia, estudo de como o clima e a geografia influenciam na personalidade do homem e se esboçam nos seus traços físicos, se apresenta totalmente racista. Já a vestimenta, mesmo não tendo tido um juízo de valor negativo, passou à insignificância. Para costumbristas, ou seja, estudiosos dos costumes e da exterioridade do ser, o modo de falar, andar, vestir-se, trata-se de uma questão imprescindível para o desenvolvimento de uma sociedade. Demonstrar como era este pensamento na Argentina do século XIX é o intuito deste artigo.

palabras clave

costumbrismo / moda / república / barbárie / civilidade / tirania

summary

Fashion is an issue which is totally unimportant nowadays in the analysis of politics. But it does not mean it has always been like this. There have already been studies on subjects which nowadays are ignored or, even, considered biased. For instance, phrenology, the study of how climate and geography influence man's personality and expose it through his physical traits, is considered absolutely racist. But vestments, even if they had not been assorted by a negative value judgment, are now insignificant. For costumbristas, scholars who study customs and externality of human being, the manner of speaking, the gait, the way one dresses, fashion is a vital subject for society development. To demonstrate how this thought was in Argentina in the 19th century is what this essay aims.

keywords

costumbrismo / fashion / republic / barbarity / civility / tyranny

Introdução

A *Generación de 1837*¹, grupo argentino formado à época da ditadura de Juan Manuel de Rosas (1793-1877), foi o grupo de intelectuais mais importante do século XIX da Argentina, formado por jovens entusiasmados com a idéia de criação da nação argentina e, com isso, pensaram em uma sociedade literária.

As reuniões da “juventude apaixonada pelo belo e pela liberdade” (Gutiérrez Apud Shumway, 2005: 145) começaram na livraria e biblioteca de Marcos Sastre em Buenos Aires (que acabou ficando conhecida como *Salón literario*) em maio de 1837. Primeiramente, foi conhecida como “La asociación de la joven generación argentina” e também por “La asociación de mayo”. O último nome era inspirado no mês de maio de 1810, quando houve o movimento de independência e, segundo Shumway, pretende deixar claro que os erros do passado devem ser compreendidos para que uma Argentina promissora possa ser exequível após os estragos da ditadura de Rosas.

O grupo se forma, apesar do inicial caráter entusiástico pelo futuro, com uma visão pessimista que, à época, poderia ser chamada de realista: pensavam sobre o fracasso da unificação argentina, sobre a impossibilidade de liderança e de representação derivada da nefasta ação dos caudilhos.² Além da visão realista, havia a visão chamada de “propositivista”³ que também influía na melancolia da análise dos integrantes sobre a nação: o problema da terra e da raça. Um terceiro elemento, este uma “atitude tão parricida” (Shumway, 2005: 178) nacional, era a certeza de que as chagas argentinas eram devidas à colonização atrasada da contra-reformista Espanha. Sendo assim, estes ideólogos diagnosticavam problemas para criar um *programa* de desenvolvimento pautado em modelos próprios⁴, revelando descrença no caráter redentor de modelos já criados. Echeverría menciona na primeira leitura do salão literário:

“Representantes, jornalistas, ministros, cuidavam mais de fazer alarde de uma instrução fácil, de professar opiniões alheias e citar autores do que de aplicar ao discernimento de nossas necessidades morais e políticas a luz da sua própria reflexão. [...] Nossos sábios, senhores, estudaram muito, mas eu busco em vão um sistema filosófico, parto da razão argentina e não o encontro; busco uma literatura original, expressão brilhante e animada de nossa vida social, e não a encontro; busco uma doutrina política conforme nossos costumes e condições, que sirva de fundamento ao Estado, e não a encontro” (Echeverría Apud Prieto, 1967: 14-6).

Valorizavam o peso das idéias sobre o processo histórico e, por isso, organizaram e sistematizaram letras, leis e crenças. Por meio das idéias e das palavras adequadas, a Argentina poderia salvar-se dos enganos do passado e ser uma nação gloriosa.

Juan Bautista Alberdi (1810-1884) e Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) são personalidades importantes na construção da nação argentina. Ambos verteram sobre Estado, direito, sistemas filosóficos. E também escreveram bastante sobre a

importância da civilidade, em especial, da forma de vestir-se. Alberdi pensava na necessidade de europeizar os costumes argentinos tanto como forma de “repblicanizar-se” e democratizar-se, quanto para atrair pedaços vivos de república e democracia para a Argentina, ou seja, angariar migrantes da Europa para a sua pátria. Em outras palavras, apostaria na promoção de um solo firme para a liberdade e desenvolvimento, e este solo são os próprios costumes da nação. “‘Chave mestra’ da ordem política, o costume é para Alberdi o objeto principal do conhecimento político” (Botana, 2005: 289). E se Bernardino Rivadavia (1780-1845), o homem das universidades argentinas, se pretendeu o criador de instituições, Alberdi se pretendeu o criador de costumes, afinal, as leis e o direito de uma nação estão assentados neles.

La moda foi o primeiro periódico publicado pela *Asociación de mayo*. Encabeçou o projeto o próprio Alberdi, com o pseudônimo de *Figarillo*.

Já Sarmiento, este não participou de *La moda* uma vez que, à época da sua publicação, estava distante de Buenos Aires e do grupo; entretanto, a questão da exterioridade do ser também foi objeto de estudo seu e diversas passagens da sua obra mestra, *Facundo: civilização e barbárie*, atentam para a questão da vestimenta como importante peça para o desenvolvimento da sociedade.

Tal importância para os costumes europeus se dá por uma questão bastante argentina: “escolheremos a civilização ou a barbárie?” Por um lado, existe o governo policial de Juan Manuel de Rosas (1793-1877), que possui apoio popular e, de outro, a aposta liberal dos homens de 1837.

Nos anos da década de 1830, a guerra civil não dava sinais de resolução, mesmo sob os primórdios do governo rosista, e a situação urgia. Não havia autoridade política e, menos ainda se poderia dizer, legitimidade desta autoridade.

O poder sobre as *Provincias Unidas* seria paulatinamente tomado pelo Executivo provincial de Buenos Aires. Rosas contou com instrumentos legais e ilegais para o controle irrestrito que exerceu sobre a futura Argentina. Pois bem: a força da sua autoridade foi a força da sua legitimidade, uma vez que a crise de legitimidade (e o caos social) poderia encontrar seu fim na autoridade punitiva e policial, fator que efervescia os ânimos e prestigiava Rosas com adesão popular.

Desta forma, o sistema rosista logo percebeu a importância da propaganda e divulgação da mensagem do Estado: o regime seria o único caminho para a realização do bem comum.

Ainda no âmbito legal, entre 1829 e 1834, começa um processo de restrição progressiva da liberdade de imprensa até 1838, ano em que a proibição pareceu insuficiente e passou a ser obrigatória a “adesão positiva” ao regime, a Rosas e às leis (Cf. Idem: 27-32). Ou seja, antes de 1838, se podia publicar com liberdade caso o assunto não fosse vinculado a questões políticas: a partir de 1838 (ano que cessa *La moda*)⁵, isto muda e tudo passa pelo controle de Estado. A hegemonia absoluta dos veículos de comunicação pretendia criar uma coesão “ideológica” entre o partido federal, o Estado e os cidadãos. A pluralidade tomaria a forma de *discórdia*, enquanto que a unanimidade seria a *harmonia* necessária para que o guia da virtude republicana pudesse governar.

Fora da legalidade, por um lado, houve a perseguição e extermínio de inimigos políticos e, por outro, a brutalidade do Estado rosista chamada de *Terror* pela oposição, que teve dois apogeus bastante claros: 1832-1835 e, a partir do bloqueio francês, 1838-1842.

Para a unificação das *Provincias Unidas*, contra a iminente desagregação interna e tentativa de legitimação da autoridade que confrontasse o caos, estas foram as mais importantes medidas tomadas (a propaganda, a repressão jornalística e a repressão política). A guerra civil e a possível desintegração social forçavam a força ditatorial ao exercício da “deslegitimação” do outro e do discurso que destoasse com o oficial. Diante do gigante repressor, os unitários precisaram organizar-se no campo militar, político e intelectual, seja no exílio quando descobertos, seja nos salões de Buenos Aires antes do fatídico ano de 1838, momento em que o Estado deixa de mostrar apenas o seu lado coercitivo, mas também o seu lado coativo.

Um defensor do liberalismo dos unitários do início ao fim da vida foi Echeverría. A sua defesa possui um forte teor positivista, afinal, o progresso vem associado a Deus, pois o verdadeiro saber, para Echeverría, acarreta um fundo de doutrina religiosa, um credo político: a certeza de que é para o progresso e pelo progresso que existe a sociedade. A crença se faz presente para a consolidação do edifício político, entretanto, trata-se da crença no “tribunal da razão”. É por ela que a Argentina deve optar: se a primeira página pertence à espada, a nova era dará alicerces à razão e ao direito. A partir de então, deve-se seguir a obra da revolução de maio com as armas do pensamento (Echeverría Apud Prieto, 1967: 6-8).

Apesar de posteriormente olhar as massas argentinas com muito lamento, a princípio, o autor encerra uma contradição bastante patente do início da geração de 37:

“Entretanto, senhores, é doloroso dizer isto, nenhum povo se encontrou em melhor aptidão que o argentino para organizar-se e constituir-se, ao nascer para a vida política”
(Apud Prieto, 1967: 11).

E segue um discurso que coloca o argentino em condição privilegiada, inclusive, se comparado ao povo parisiense ou londrino. Ou seja: o povo argentino é aquele que pode organizar-se de forma satisfatória politicamente e servirá de exemplo às outras nações da América. O fator curioso é que, mesmo sendo o povo de aptidão que, nas palavras de Echeverría, pode estar no mesmo nível que os melhores povos europeus, é também o povo que apresenta todos os vícios que devem ser combatidos:

“Se descermos da classe que se chama ilustrada ao povo, às massas, o que encontraremos? A ignorância ínfima, sem nenhum meio de sair dela; nenhuma noção de direitos e deveres sociais, nem de pátria, nem de soberania nem liberdade; [...] boa índole mas costumes depravados. [...] Nossas massas têm quase todos os vícios da

civilização sem nenhuma das luzes que os moderam”
(Apud Prieto, 1967: 17-8).

Como visavam à incorporação das massas no sistema político republicano, é necessário encontrar nelas os costumes, os hábitos, as maneiras, que são típicos de quem preza a liberdade, ao invés do despotismo caudilho, plebeu e populista no seu modo de tyrannizar, considerado atrasado. O trabalho não seria fácil, mas o primeiro passo, por estranho que pareça hoje em dia, seria cuidar da visualidade dos argentinos: seja para compreender as benesses da civilização europeia, seja para atrair europeus para a Argentina por reconhecer aí os seus pares.

Revista *La moda*

Bourdieu, em *A distinção*, mostra que o gosto tem um componente fortemente sociológico. A vestimenta também. Além da vestimenta, os costumes, os gestos, o requinte e a *sprezzatura* são elementos que compõem o quadro de um povo civilizado que pode atrair outros civilizados. Entretanto, tais preocupações poderiam ser preocupações políticas?

A edição fac-similar da revista *La moda* a que o público ainda tem acesso na *Biblioteca Nacional Argentina* conta com uma longa introdução de José Oría sobre a própria revista e alguns estudos a seu respeito. À página 24, é citado Antonio Zinny, autor que entende a revista como uma sátira ao governo rosista.⁶ Posição que, apesar de abundar reiteradamente, o próprio José Oría discorda mencionando, primeiramente, o próprio Alberdi, que havia dito que, durante a sua vida, havia publicado quatro revistas contra Rosas (*El nacional*, *Revista del Plata*, *Porvenir* e *Corsario*) estando *La moda* de fora desta relação. Em seguida, menciona outro autor que “não incorreu em tal erro” (Oría, *La moda*: 25), Vicente Quesada, o qual defende que a revista está à parte de questões políticas e apenas versa sobre “amena literatura”. Para Oría, a revista não era nem contra Rosas, nem à parte de questões políticas (uma vez que temas políticos surgem repetidamente) e tampouco uma “amena literatura”.

Explicitamente, havia o apoio ao regime de Rosas e o “¡Viva la federación!” que vinha acima de todas as edições. Não poderia ser diferente, afinal, os inimigos políticos eram expulsos do país ou exterminados. Desta forma, surge uma terceira interpretação:

“Com efeito, para evitar problemas com o ditador, La moda teve a precaução de apoiar as políticas do regime, por absurdas que fossem. [...] A cultivada trivialidade desta classe de escritos tentava desviar o perigo que os membros da Associação enfrentavam em Rosas” (Shumway, 2005: 146-7).

Temos assim algumas visões sobre a revista: *La moda* poderia ser satírica, poderia ser uma inocente “amena literatura” e poderia ser uma atividade planejada de distração do regime rosista para que os homens de 37 pudessem agir politicamente

no âmbito privado, uma vez que, no âmbito público, se fossem se manifestar, teriam que se manifestar a favor do Estado policial.

Entretanto, o boletim não ganhou a afeição de Juan Manuel Rosas. Não poderia ser diferente: *La moda* trata da moda europeia e sugere que seja adotada; enquanto Rosas é a encarnação do espírito antieuropeu e antiliberal. Na edição do dia 2 de dezembro de 1837, Alberdi escreve, na seção “Modas políticas” da revista, que a cor adotada pelo regime o “povo a leva em seus vestidos, e o poder em suas bandeiras, contando assim com uma dupla autoridade da que, seria ridículo pretender subtrair-se” (Alberdi, *La moda*, 2 de dezembro de 1837).

Frases ambíguas, pois, como se sabe, posteriormente, o poder do povo é questionado por ser a base do caudilhismo, sistema popular de tirania duramente criticado pelo grupo. No final do artigo, Alberdi escreve sobre a fé em Deus e no povo: “culto a uma como à outra majestade: é o dogma do homem livre” (Idem). Conhecendo *Bases y puntos* e a maioria dos escritos da *Associação de maio* se poderia, de fato, pensar que ao menos esse escrito seria uma maneira camuflada de satirizar o governo rosista, afinal, primeiramente, há a comparação do sistema de governo a uma moda na Argentina, ou seja, algo efêmero, ao mesmo tempo em que por todos os volumes se sugere que se adote a “moda” francesa. Mais do que isso, a fé em Deus e no povo não poderia ser o dogma do homem livre, pois a religião trazida pela retrograda Espanha contra-reformista nunca poderia ser um dos alicerces de um homem que preze a liberdade, como tampouco poderia ser o caudilhismo defendido pelo povo.

Em contrapartida, se por um lado se poderia afirmar que as passagens desse trecho em que Alberdi é pouco iluminista e apóia a federação se devem à necessidade circunstancial, não se pode esquecer que é o mesmo Alberdi que havia, havia pouco, escrito *Fragmento preliminar al estudio del derecho*, texto no qual ele vê Rosas como a expressão da argentividade necessária para se chegar à democracia. Se o texto pertencesse a Esteban Echeverría, se poderia facilmente classificá-lo como *satírico*, entretanto, a idéia da federação como uma *moda* não vai de encontro ao que o autor pensa sobre a sociedade argentina.

Não se pode esquecer, entretanto, que Rosas é a *democracia possível*, mas Alberdi em momento algum aplaudiu a repressão policial do governo. Por que, então, Alberdi apóia o governo rosista nesta publicação? A sua necessidade de explicação em 1839, em Montevidéu, pode aclarar a questão:

“É certo que em outro tempo, a exemplo do desgraçado povo argentino, seu legítimo maestro e soberano, Alberdi presenteou, não vendeu, seus elogios ao Restaurador; para ter o direito de dizer a este Restaurador algumas verdades que lhe foram ditas junto com elogios e para ver se lhe tributando esses elogios lhe nascia o gosto de merecê-los” (Alberdi Apud Weinberg, 1977: 104).

Sendo satírica, amena ou desviante de olhares, Zinny, Quesada e Shumway não levam em conta a hipótese de que poderia ser uma revista séria. Uma revista que

fala sobre móveis, calças e modos não poderia ser sócio-política na Argentina *olho por olho, dente por dente* do XIX? Segundo o próprio Alberdi, o caudilhismo é uma fase na Argentina; uma fase a ser superada. Como superá-la? Trazendo pedaços vivos de civilização. Como atraí-los? Cultivando os mesmos hábitos. Tratar de assuntos comumente vistos como triviais em análises sociológicas e políticas era, talvez, o que pretendiam os ideólogos de 37, afinal, haviam se dado conta de que o trivial era, na realidade, muito relevante:

“Temos independência, base da nossa regeneração política, mas não direitos nem leis, nem costumes que sirvam de escudo e salvaguarda à liberdade que ansiosamente buscamos. Faltava-nos o melhor; a cobertura, o abrigo dos direitos, o complemento do edifício político –a liberdade– porque esta não se apóia com firmeza senão nas luzes e nos costumes” (Echeverría Apud Prieto, 1967: 11).

Alberdi e Sarmiento se legitimam na Argentina pela atenção à lei e à educação, respectivamente. Como entender que a seriedade da análise jurídica e sociológica dos argentinos, por algum momento, cedeu espaço a como proceder em um encontro, por exemplo? Ora: porque apego à lei, urbanidade, civilidade, costumes e distinção estão intimamente ligados. Subjacente às respectivas importâncias citadas acima, Sarmiento se legitimou como o diagnosticador dos problemas argentinos, enquanto Alberdi seria o arquiteto dos novos costumes que poderiam redimir a Argentina.

“Nos ‘costrumbistas’ europeus, como em Sarmiento, a exterioridade do ser, seu comportamento, fisionomia, meio ambiente, são plenos de significados. Daí a importância da descrição dos trajes, pois as informações sobre a vestimenta faziam parte do retrato do personagem e ajudavam a compor o quadro psicológico e sociológico do analisado. Na oposição dinâmica entre campo e cidade, a vestimenta transfigura-se em linguagem expressiva das diferenças e conflitos da sociedade. A roupa podia ser um signo tanto da barbárie quando da civilização” (Prado, 2004: 173).

Sarmiento não esteve no *Salón literario* e tampouco redigiu para *La moda*. No entanto, foi o homem que ficou para a história como o porta-voz maior da geração de 1837, aquele que fez a equação necessária dos pontos mais importantes de teoria e prática. Sendo assim, mesmo sendo afiliado de outra leva, suas preocupações denotam pistas sobre como entender essas publicações, de fins de 1837 e começo de 1838. Fato interessante é o que escreve sobre o exército (do qual fez parte) de Urquiza, com extremo desdém. Além de todos os ataques sobre a campanha contra Rosas no que diz respeito a questões militares, Sarmiento vê uma gente sebenta, sem organização de pensamento “e o pior de tudo, não sabe como se vestir. Não só Urquiza não usava o uniforme à européia (247-248), como também permitia que os seus soldados usassem poncho e chiripá, como *gauchos*, enquanto marchavam abaixo da vermelha bandeira da Federação, não a celeste dos unitários” (Shumway, 2005: 199).

Oría não menciona a necessidade de europeizar a Argentina para trazer a Europa à Argentina, mas entende a conexão que a geração faz entre *todas as coisas sociais*. A “frivolidade” seria um chamariz (conforme confessado no “Aviso” da edição do número 18) para que, através de dicas de penteado ou de móveis, os escritores pudessem influir seus pensamentos: “[...] M. Tocqueville conseguiu dar conta fielmente de todos os fenômenos sociais que apresentam os Estados Unidos da América... A democracia ressalta por lá tanto nos vestidos e nas maneiras como na constituição política dos estados. [...] De modo que uma moda, como um costume, como uma instituição qualquer, será para nós tanto mais bela, quanto mais democrática seja em sua essência [...]” (Alberdi, *La moda*, Nº 3: 3).

Embora longa a citação, uma mesma idéia surge em Sarmiento no seu *Facundo* anos depois de Alberdi escrever tais linhas:

“Toda civilização se expressa em trajes, e cada traje indica um sistema de idéias inteiro. Por que usamos hoje a barba inteira? Porque estudos que foram feitos nestes tempos sobre a Idade Média, a direção dada à literatura romântica se reflete na moda. [...] Ainda há mais: cada civilização teve o seu traje; e cada mudança de idéias, cada revolução nas instituições, uma mudança no vestir. A civilização romana, um traje; a Idade Média, outro; o fraque não aparece na Europa senão depois do renascimento das ciências; a moda não é imposta pelo mundo mas pela nação mais civilizada; de fraque se vestem todos os povos cristãos e quando o sultão da Turquia, Abdul Medjil, quer introduzir a civilização europeia em seus Estados, depõe o turbante, o cafetã e as bombachas, para vestir fraque, calças e gravata” (Sarmiento, 1996: 182-183).

Como já mencionado, por mais estranho que possa parecer aos leitores atuais de *La moda*, Alberdi se apoiou em Larra para trazer à Argentina a chave mestra do conhecimento político: o bom costume. Afinal, a liberdade inglesa existe nos costumes da Inglaterra; a escravidão espanhola existe nos costumes da Espanha e o México apenas não é livre porque adotou a constituição escrita dos Estados Unidos e não também a sua constituição viva, ou seja, os seus costumes (Cf. Botana, 2005: 289).

E como era a revista?

Foram 23 números publicados de 18 de novembro de 1837 a 21 de abril de 1838. Semanalmente, aos sábados. Era escrita por Juan Bautista Alberdi, sob o pseudônimo de *Figarillo*, Juan María Gutiérrez e Rafael Jorge Corvalán, que também era editor. Prevaleram Alberdi e Gutiérrez na redação. Teve, como colaboradores, Demetrio Peña, Jacinto Peña, Carlos Tejedor, Carlos Eguía, Vicente López, José Barros Pazos, Nicanor Albarellos e Manuel Quiroga de la Rosa. Como compositores musicais, figuram Juan Esnaola, Alberdi, Roque Rivero, Juan Marradas, entre outros.

Segundo a autobiografia de Vicente López, a revista surge quando o *Salón literário* de Marcos Sastre começa a decrescer. O editor é Rafael Corvalán e parece

haver um motivo importante para isso: Rafael era filho de Manuel Corvalán, auxiliar de Rosas, portanto, de cuja família o federalismo e adesão ao governo não se poderia suspeitar. Para diminuir as suspeitas e angariar leitores, é utilizado o título “La moda” que é repetidamente chamado de *afeminado* pelos críticos argentinos. É bastante provável que o nome seja inspirado em *La mode*, de Emile de Girardin, publicada a partir de outubro de 1829, patrocinada pela duquesa de Berry, que logo se tornou veículo de oposição e foi encerrada pelo governo autoritário francês de 1854 (Cf. Oría, *La moda*: 34).

Já *La moda* argentina se trata de “literatura costumbrista”, que deriva do castelhano, “costumbre” (“costume” em português). Os redatores visavam reformar os costumes, justamente porque, se as estadunidenses levavam a história da constituição do país em seus vestidos, os costumbristas argentinos entendiam que os trejeitos, a roupa, os modos dos concidadãos traziam vestígios do antigo regime, vestígios que queriam destruir para que, sobre a velha Buenos Aires, se erguesse a nova Buenos Aires com as luzes de França, Alemanha e Inglaterra.

Arrogam-se o papel de mentores intelectuais com o adjetivo de “inteligente” que aparece como aquele que desejam associar à revista. Uma produção *inteligente*, que renove o estado das coisas como estão. Sendo assim, repudiam o romantismo puramente estético, o romantismo de Schlegel. Acabam, assim, sendo incorporados a outro romantismo, o romantismo combativo e nacionalista. Para concluir: os autores de *La moda* podem ser incorporados ao que Oría chama de *romantismo social*.

Tal romantismo argentino é baseado na figura de Saint-Simon. E a este respeito, os redatores de *La moda* acabam por mentir: escrevem que não são são-simonianos (Nº 7: 2). Não surpreenderia saber que a doutrina de Sant-Simon, com a crença positivamente religiosa de que a sociedade deveria estar nas mãos de cientistas e industriais, era a inspiração do grupo. Como já se sabe, em Montevidéu, Alberdi preside o *Club de Románticos y Sansimonianos*, mas algumas verdades em tempos de caudilhismo e espírito antieuropeu deveriam ser ocultadas.

A última edição da revista data de 21 de abril de 1838. No dia 27 do mesmo mês, ou seja, um dia antes do que seria a vigésima quarta edição, se publica no *Diario de la tarde*:

“Cesse de *La moda*. – Quis cessar: 1º pelas ocupações extraordinárias da imprensa; 2º por uma considerável deserção de subscritores, e 3º pela não oportunidade das publicações literárias”.

Os motivos acima não são falsos. Entretanto, em *El iniciador*, Alberdi menciona que existe uma causa não mencionada pelo *Diario de la tarde*:

“Homem! E por que cessou *La moda*? Até agora não houve uma pessoa que nos diga a verdadeira causa” (Alberdi Apud Oría, *La moda*: 67).

A outra causa, a mais importante de todas, tornou-se pública por meio de Pascual Guaglianone, que encontrou nos documentos de Pedro de Angelis: “falso que Rosas tivesse feito suprimir diário algum de B. A., a não ser *La moda*” (Oría, *La moda*: 68).

Mas mesmo tendo todos os meios coercitivos e a mazorca à sua disposição, não era necessária ou mesmo muito compreensível a proibição direta, uma vez que os escritores da revista elogiavam e exaltavam o chefe da nação (apesar de sugerirem que se agisse exatamente da maneira como ele condenava). O fato de Rosas ter como auxiliar o pai do redator-chefe das publicações facilitou o seu trabalho: um conselho do chefe da nação para que um filho não continuasse com uma revista como aquela para evitar problemas maiores talvez tenha ocasionado o fim das publicações. Logo, a presença de Rafael Corvalán na chefia resultou em duas coisas: a possibilidade de publicação da revista que seria vista de soslaio no primeiro momento pelo governo e a cessação pacífica das publicações.

Os textos

18 de novembro de 1837: o prospecto do novo periódico mostra o seu conteúdo: 1. o estado da moda na Europa e em Buenos Aires; 2. a valorização da produção social inteligente, seja indígena ou internacional; 3. noções claras sobre as letras e a música; 4. sugestões de comportamento (como portar-se educadamente); 5. poesias nacionais inéditas; 6. crônicas cotidianas de Buenos Aires; 7. um boletim musical, seguido de um minueto.

Segue-se uma descrição das últimas modas francesas: decorações de móveis, roupas masculinas (calça, cores, chapéu, gravata). A seguir, vêm as modas portenhas: imitações com modificações da moda europeia. Na parte de costumes, se fala sobre a “gente à parte”, ou seja, as pessoas de mau gosto e diversos costumes de pessoas não-civilizadas são mencionados.

Por fim, um boletim musical. Termina a primeira e curta edição de *La moda*.

Se a primeira edição foi basicamente dedicada às modas masculinas, a segunda edição de 25 de novembro se inicia falando das mulheres, especialmente daquelas que circulam pela rua del Cabildo e que chamam a atenção de tão lindas e por não haver mulheres feias por ali. Mais do que isso, a beleza é melancólica, se perece, que da alma “subtrai igualmente a desgraça e a felicidade” (*La moda*, Nº 2: 2). Segue a seção “Modas de señoras”.

A terceira parte fala sobre o teatro e a presença de argentinos como atores dos dramas encenados. A próxima seção mostra as diversas concepções de arte, iniciando com a idéia de que, naquele momento, ao que se chamava arte se chamara anteriormente de belas-artes. Uma série de definições são trazidas: desde idéias como “a arte é a expressão da vida” como “o povo é a minha musa”, esta última, social e romântica. Talvez, se pela necessidade exposta de afrancesar-se já tenha feito o periódico cair no desagrado de Rosas, o próximo tópico, chamado “Novidade inteligente”, teria sido um erro: apresenta-se um grande teórico, conhecido pelo ódio mortal aos reis e “cujas páginas são chamadas sagradas” (Idem: 3). O autor: Mazzini.

A primeira poesia aparece no periódico: “A ella”. A crítica da revista começa dizendo que não haveria dúvida de que é uma poesia bela, mas que, como tudo no país, é incompleto e egoísta. Não é uma poesia que trata da pátria, nem da humanidade e tampouco do progresso. Os poetas argentinos precisam lembrar da sua

argentinidad. Convém, aqui, fazer referência à ausência de qualquer comentário em qualquer uma das edições sobre *La cautiva* de Echeverría, poesia publicada em *Rimas* de 27 de setembro daquele ano, cuja importância foi de primeira ordem, o que demonstraria o distanciamento do poeta com relação a Alberdi, conforme já haveria apontado José Ingenieros (Cf. Weinberg, 1977: 104).

No boletim musical aparece pela primeira vez o elogio a Larra. Como este número é dedicado às mulheres, mencionam que se diz que foi uma mulher que lhe tirou a vida. Segundo os autores (obviamente, Alberdi), esta mulher é a Espanha.

A terceira edição de 2 de dezembro traz uma regra de conduta muito interessante: é muito mais *fashionable* e romântico não ser pontual, atrasar-se e agir como Byron. À página 4, Figarillo segue o seu raciocínio com uma dica importante: mesmo que se saiba falar sobre literatura e artes, não se deve fazê-lo com a sua companhia feminina. Afinal, quem meteu na cabeça das mulheres francesas que mulheres devem falar de outras coisas senão de modas e de outras mulheres? Caso não haja nada para dizer contra alguém, que se fique calado, afinal, quem fala todo o tempo é papagaio ou “perro faldero” (expressão que se aproxima a “cão-rastejador” ou “pau-mandado” em português). Obviamente, como já mencionado, *La moda* iria misturar frivolidade com dicas de elevado pensamento. Se a mulher era a Espanha, neste artigo, Alberdi coloca o papagaio (“loro”, no original) como um grande amigo da mulher por seus costumes literários. Os seus costumes literários são parecidos com os do rei. Ao invés de falar com esta mulher, por que não se permite ao papagaio ser republicano?

O artigo seguinte, “Modas de señoras”, contém a já citada idéia de que a democracia defendida por Tocqueville está presente nos vestidos e costumes. Nesta edição também constam as já citadas “Modas políticas”. A terceira edição é finalizada com o “Boletim Musical” e um minueto.

Na edição de 9 de dezembro, a coluna “Costumbres” trata do comportamento na casa de outra pessoa. Em seguida, há uma longa defesa contra uma crítica feita no *Diario de la tarde* muito provavelmente ao texto “gente à parte” (*gente aparte*, no original), pois, a defesa baseia-se na idéia de que as pessoas ali descritas não existem, mas existem em todas as partes. Justificam-se dizendo que nenhum povo é mais civilizado do que o inglês e que, ao mesmo tempo, nenhum povo se burla mais a si mesmo do que os mesmos ingleses. Obviamente, Larra também é citado nesta autodefesa, pois é um espanhol que burla o tempo todo da Espanha de forma muito inteligente.

Seguem a poesia “Al mundo botan” e o minueto “La ausencia”.

No número 5, de 16 de dezembro, Alberdi explica que se chama *Figarillo* e não *Figaro*. Com uma mistura de sátira, enfatiza a necessidade de amar a Espanha, como se amam irmãs prediletas. Diz que é filho de espanhol e que, como filho, deve repetir a vida do pai e acrescentar algo mais. Assim como a nação recém-nascida se portar diante da mãe (que, curiosamente, ele se refere como “irmã”). A que seu pai espanhol se ocupava, em especial? Louvar. E termina dizendo que sua vida será curta se quiser louvar todas as lembranças e recordações das gerações passadas.

Em “Al bello sexo”, diz-se que a mulher deve, enfim, nivelar-se com o homem. Ao invés de tratar de frivolidades, deve cultivar a virtude, o saber alheio e ser capaz de produzir a própria felicidade. “*Quem pôs na cabeça das francesas esse tipo de necessidade?*” se perguntava Figarillo na segunda edição. “Traga-o à Argentina” agora parece ser o seu desejo. Enfim, que a Espanha saia das entranhas da Argentina com as suas frivolidades para que o papagaio republicano possa conversar com uma (um) argentina (o) como se fosse uma progressista francesa.

O primeiro artigo da edição 6 (*Literatura española*) de 23 de dezembro explica porque ninguém além dos alemães, na Europa, tinha dado atenção à literatura espanhola. A questão é que Schlegel tinha um desejo selvagem pela idade da cavalaria e amor à monarquia. Por isso, os jovens argentinos não viraram as costas para a literatura espanhola por puro patriotismo, mas sim, porque a literatura espanhola está somente preocupada com o passado e em *louvar*.

“Destino social de la muger” é uma transcrição que traz novamente à baila a questão da emancipação feminina e, no “Boletín cómico”, Figarillo escreve sobre as capas de *La moda*. Na edição anterior, havia o aviso aos assinantes de que iriam ser suprimidas e, nesta edição, há a curiosa e infeliz constatação de que a forma é tudo e a substância, nada (porque as pessoas julgam as capas necessárias).

Uma dura crítica à representação de *Marino Faliero* de Casimir Dalavigne, na seção “Teatro”, abre a primeira edição de 1838, 3 de janeiro, a 7ª edição da revista. Em seguida, após a mentira de dizer que não eram são-simonianos, segue uma cronologia da vida de Saint-Simon. Em “Las cartas”, Figarillo critica a cerimonialismo espanhol tanto para escrever uma carta quanto para fazer uma visita. Por isso se escreve pouco e, os jovens, raramente. Isso explica a defesa inicial da característica *fashionable* do atraso ao visitar outra pessoa que o autor chama de *byroniano*. Menos etiqueta, mais espontaneidade. Menos forma, mais substância.

6 de janeiro de 1838 traz a 8ª edição de *La moda* e o tema do germanismo e as diferenças da filosofia alemã com a francesa. Em uma resposta a uma carta anônima do Jornal da Tarde, os autores falam sobre os irmãos Friedrich Schlegel e August Schlegel. Discorre-se também sobre Saint-Simon e Victor Hugo.

A edição 9, de 13 de janeiro, traz os mesmos assuntos já tratados: a questão feminina e “códigos de civilidade”. Já a edição 10, de 20 de janeiro, termina com idéias gerais sobre a poesia. A próxima edição, de 27 de janeiro, começa falando também da poesia.

No próximo texto, *Fragmento de los estudios sobre la España, de Viardot*”, pela primeira vez se toca no assunto do deserto argentino.

De volta à poesia, a edição 12, de 3 de fevereiro, já fala da poesia de uma forma bastante argentina: a poesia é filha da desgraça, terá o desgosto como herança e o tédio como doença. Tédio, essa ausência de esperança, acaba com a possibilidade de felicidade mundana. O tom muda aos poucos e se passa a mencionar (de um parágrafo a outro) que a poesia é a expressão de um povo. E, no outro parágrafo, já se defende que a poesia moderna deve ser profecia, cuja missão é a liberdade.

O próximo ponto trata sobre o poeta. A visão é a romântica, ou seja, o poeta é aquele que é um intruso em um mundo que lhe é alheio. Não seria de se estranhar

que este texto tenha sido escrito por Echeverría. Aproxima-se muito da idéia de Baudelaire que mostra o poeta como um ser com grandes asas que o impedem de caminhar. Segue uma poesia, antes do boletim cômico que, seguramente, não foi escrito por Echeverría pelo seu caráter irreverente e, ao que aponta, pretende justamente quebrar o gelo do que foi escrito anteriormente para voltar aos assuntos leves. O seu final merece nota:

*“Y no se nombra sogá
En casa de ahorcado.
He dado mis consejos,
Algunos otros guardo,
Por si algún periodista
Quisiere aprovecharlos”*⁷ (Ídem, Nº 12: 2)

A 13ª edição (10 de fevereiro) traz novos pedidos para que as argentinas ajudem na moralização da nação, além de regras de tom de voz e termina com um novo estudo: o estudo da poesia passa a intercalar com o estudo do teatro. Esta edição trata do teatro moderno na França, com um texto que continua na próxima edição, de 17 de fevereiro; mas termina com a continuação de “Poesia”.

Uma carta inicia a edição 15, de 24 de fevereiro. É uma pessoa que, satiricamente, pergunta ao editor da revista se sinônimo de urbanidade são as dicas de gestos e contorções femininas, que se deve falar como mulher hipocondríaca e vestir-se com mais cuidado do que uma coquete. O autor da carta diz desejar essa urbanidade para os escravos e inimigos e que, ao contrário do que a revista diz, a juventude forte é a juventude bonita. Não é possível saber se essa carta não foi escrita pelos próprios autores de *La moda*. Caso tenha sido realmente um leitor, tampouco se pode saber se ele assinou como “Um do povo”, como consta, ou se se trata de burla dos editores. A isto, segue o “Boletim cômico” de Figarillo, intitulado “Señales del hombre fino”. Para confundir, Figarillo termina esta edição com um elogio a “El carnaval”.

As edições 16 (3 de março) e 17 (10 de março) não apresentam nada que ainda não tenha sido apontado.

Um “Aviso” aparece na 18ª edição, de 17 de março: a frivolidade dos primeiros números se justificava para atrair leitores por questões importantes e não por questões pecuniárias. Aí também começa o “Álbum Alfabético”, miscelânea de pensamentos que segue pela edição 20 (31 de março) e aí termina na letra C.

Os números 21 (7 de abril) e 22 (14 de abril) começam a refletir sobre os “espíritos positivos”, homens da república, homem da liberdade, nivelados pelo dedo luminoso do século; citando a Lamartine, Montesquieu e Jouffroy. Para completar a impressão de que se iniciaria uma publicação “menos frívola”, no número 23 (21 de abril), o texto “El asesino político” é, talvez, aquele a que Alberdi faz referência aos elogios que pensava que Rosas poderia desejar merecer. O soberano, homem forte, representante da nação, seu símbolo e seu emblema, é investido com a soberania entregue pelo povo e, se assim é, aquele que atenta contra ele não deve

nem encontrar asilo político. Em contrapartida, “a filosofia olha com horror todo princípio apoiado com o ferro, todo dogma sancionado pelo canhão. A filosofia é a razão, é a verdade, é Deus. Este jamais ordenou o crime nem pediu incensos no altar do terror. Dizer que a democracia é uma matrona vigorosa que afoga seus próprios filhos entre seus braços, é uma blasfêmia de que um dia pedirá conta a filosofia, no tribunal augusto da humanidade” (La moda, N°23: 1).

Foi este o último número.

Considerações finais

Halperín Donghi não considera “surpreendente não se encontrar paralelo fora da Argentina ao debate em que Sarmiento e Alberdi, esgrimindo as suas passadas publicações, disputam a paternidade da etapa de história que se abre em 1852” (2005: 31). Como se pôde notar, essas discussões sobre direito, ciência política e sociologia foram as mais férteis da América do Sul. Por que, então, a primeira manifestação pública escrita da geração de 37 versa sobre costumes e roupas?

Não se poderia abertamente fazer a crítica política ao sistema rosista, mas as páginas de *La moda*, por serem escritas por costumbristas, tinham, *ipso facto*, um conteúdo político. Tanto que o periódico foi censurado pelo próprio Rosas. A aposta na adoção de costumes republicanos era a aposta no próprio sistema republicano. A adoção dos costumes dos povos republicanos era a certeza de que os sistemas político e jurídico transitariam, inevitavelmente, para a república.

Mesmo não tendo participado da redação de *La moda*, o sisudo e fervoroso Sarmiento seguiu pela mesma trilha: ao mesmo momento em que acompanhava exércitos, falava sobre a necessidade de se abandonar o chiripá e adotar o fraque, abandonar a cor vermelha e adotar o azul celeste e o branco. Demasiado leviano para os pensadores do século XX, porém, demasiado expressivo para os costumbristas argentinos do XIX: a forma de se vestir.

Como costumbristas e republicanos democratas, a necessidade dos argentinos de falar sobre modos, roupas e costumes era um *feito político*. A uma população que legitimava a tirania e o retrocesso, *La moda*, mesmo que com aparente frivolidade, era a aposta de que o progresso se apresenta em todos os traços sociais que se ligam e se organizam: argentinos podem parecer mendigos, falar alto, vestirem-se mal, apoiar um Estado policial e se organizarem politicamente através do canhão. Por outro lado, podem adotar costumes diferentes destes: civilizarem-se, vestirem-se bem, falar em bom tom, preferir a democracia, organizarem-se em uma república mais próxima à ideal. *La moda* foi uma das primeiras atitudes públicas de Alberdi de tentar mostrar aos argentinos as benesses de ser civilizado, ou seja, democrata. 🖋️

Referencias

1. Dados sobre a *Generación de 1837*, quando não mencionada a fonte, obtidos de Shumway, 2005: 131-205.
2. Caudilho: “ainda que muitas vezes fosse um grande fazendeiro, o caudilho confundia-se, pela sua vida rude e pelas qualidades pessoais de coragem e destreza, com seus seguidores, aos quais, no entanto, tratava com indiscutível autoridade. Os caudilhos representavam sempre interesses regionais; portanto eram, em sua grande maioria, ardorosos defensores do federalismo como forma de organização política” (Prado, 1994: 41).
3. Shumway e Sommer utilizam a expressão “protopositivista” para classificar os textos sarmientianos. Convém ressaltar que tanto a noção de “proto” como de “pré” provém de uma concepção teleológica da história. Comte começa seus trabalhos em 1826, entretanto, não se encontrou, nesta pesquisa, qualquer referência ao pensamento comtiano.
4. O que redundou em uma contradição, pois, como se observará, o diagnóstico posterior da geração de 1837 foi a necessidade de criar uma *Europa na Argentina*, inclusive para servir de exemplo às outras nações como melhor cópia da civilização européia e norte-americana.
5. Dia 28 de março, Leblanc declara o bloqueio ao porto bonaerense. Portanto, se não bastasse o incômodo oficial que o periódico poderia suscitar, a partir deste momento, tudo o que fosse afrancesado seria considerado anti-nacionalista.
6. Tal comportamento se justifica por algumas opiniões que ridicularizavam não apenas a publicação, mas os seus colaboradores, sendo Alberdi o maior alvo como, por exemplo, nos estudos de história argentina de Groussac.
7. E não se menciona corda / Em casa de enforcado / Dei aqui os meus conselhos / Alguns outros guardo / Para caso algum jornalista / Quiser aproveitá-los.

Bibliografía

- J. B. ALBERDI (2006), *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*, La Plata, Terramar.
- J. B. ALBERDI (1942), *Fragmento preliminar al estudio del derecho*, Buenos Aires, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales. Instituto de Historia del Derecho Argentino.
- C. ALTAMIRANO & B. SARLO (1997), *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*, Buenos Aires, Ariel.
- N. BOTANA (2005), *La tradición republicana: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*, Buenos Aires, Debolsillo.
- P. BOURDIEU (2006), *La distinción*, Madrid, Taurus.
- E. ECHEVERRÍA (1947), *Dogma socialista*, Buenos Aires, El Ateneo.
- T. HALPERÍN DONGHI (2005), *Una nación para el desierto argentino*, Buenos Aires, Prometeo Libros.
- T. HALPERÍN DONGHI (1980), *Proyecto y construcción de una nación (Argentina 1846-1880)*, Caracas, Biblioteca Ayacucho.
- W. KATRA (2000), *La generación de 1837: los hombres que hicieron el país*, Buenos Aires, Emecé.
- A. PIETRO (1967), *El ensayo romántico*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina.
- M. L. C. PRADO (2004), *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*, São Paulo, Edusp.
- M. L. C. PRADO (1994), *A formação das nações latino-americanas*, São Paulo, Atual.
- D. F. SARMIENTO (1996), *Facundo: civilização e Barbárie*, Petrópolis/RJ, Vozes.
- D. F. SARMIENTO (1915), *Conflicto y armonía de las razas en América*, Buenos Aires, La Cultura Argentina.
- N. SHUMWAY (2005), *La invención de la argentina: historia de una idea*, Buenos Aires, Emecé.
- D. SOMMER (2004), *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*, Belo Horizonte, UFMG.
- F. WEINBERG (1977), *El salón literario de 1837*, Buenos Aires, Librería Hachette.

Revista

La moda: gacetín semanal de música, de poesía, de literatura, de costumbres, Buenos Aires, Academia Nacional de la Historia, s/d.

Recibido: 15/12/2010. Aceptado: 21/03/12.



Rafael Mantovani, "A moda contra a tirania: elucubrações dos costumbristas argentinos do XIX".
Revista *Temas y Debates*. ISSN 1666-0714, año 16, número 23, enero-junio 2012, pp. 39-54.